

GONÇALO CASTANHO | ENSAIOS REFLEXIVOS



“Inmindout” | 2017

Desafios comunicacionais na promoção do triângulo desportivo

Cada um v o mundo com o espelho dos seus olhos...

Alinhar a “tri-nmica” (Triangulo Desportivo) que se gera entre Treinador (T.) – Atleta – Encarregado(s) de Educação (E.E.), no suporte  prática desportiva do atleta **pode ser uma árdua tarefa nos tempos que correm. Uma operação que se pretende de soma (+), revela-se por vezes, uma subtração (-).** Alguns fatores concorrem para o mesmo, nomeadamente, fatores contextuais e conjeturais paradigmáticos que condicionam a intervenção de ambos. Apesar do relevo e importância dos mesmos, isolemos a análise ao processo de comunicação que se estabelece entre T. e E.E., explorando filtros atencionais, recolha e gestão de informação.

Para os **Treinadores** há todo um processo mais vasto (onde se *encavalitam* objetivos, missões, papéis, regras, normas, procedimentos, protocolos e valores) que norteiam a conduta e atuação dos mesmos face aos praticantes. **O seu foco, tende a incidir sobre todos os praticantes** (assente numa lógica de equidade), **e nos comportamentos a evidenciar** (adquirir e praticar) **requeridos**. Face à complexidade e exigência da sua atividade **o papel de treinador, implica na sua base, a existência/criação de condições de disciplina, respeito, ordem e organização**, sendo que, o mesmo poderá “obrigar”,  utilização de chamadas de atenção, ou penalizações, com o objetivo de sinalizar perante o atleta, que o comportamento do

mesmo foi inadequado.

A existência de limites intangíveis (loais espaço-temporais) leva a que determinadas interações e comportamentos sejam inacessíveis do exterior (onde se situam os E.E.). As observações e interações observadas dos E.E., tendem a ser episódicas, fracionadas, fragmentadas e descontínuas.

O Encarregado de Educação tende a perceber o comportamento ocorrido e a situação de forma isolada face ao seu filho. O Treinador tende a privilegiar os antecedentes comportamentais do praticante, e a relacioná-los com o contexto em que determinado acontecimento ocorreu. O Treinador tem de gerir um grupo e/ou equipa. Contrariamente, os encarregados de educação procuram apenas perceber como melhor se posicionar perante a conduta do seu filho. **Outro aspeto relevante na “forma” como o E.E.** (e que condiciona o acesso a todo o conteúdo relevante) **perceciona a realidade, prende-se, com a carga afetiva que tendem a manifestar, e que “turva” e “isola” a atenção num detalhe desintegrado do todo que é o processo.**

Quando o Treinador detém princípios éticos de atuação, a sua conduta não é pessoal, é processual, e visa o crescimento e desenvolvimento de competências de cariz psicológico, essenciais para a sobrevivência do Atleta/Homem, em sociedade de forma autónoma e independente.

No entanto, existem casos em um Treinador terá de primar na sua atuação, para contribuir para a educação de um atleta, em que a “vista grossa” a determinados comportamentos poderá tornar-se contraproducente. Quando tal acontece e o E.E. dúvida de algum comportamento ou atuação do Treinador, **poderá sempre, ir ao encontro do mesmo, no sentido, não de o criticar e julgar de forma prévia, procurando perceber razões, motivos e objetivos da sua atuação, e qual o comportamento evidenciado pelo Atleta que mereceu reparo e porquê. A atuação não é pessoal é processual.**

Reverta-se o diálogo surdo entre E.E. e T., solucionando males entendidos percetivos, com simplicidade e honestidade.

Especialista em Psicologia da Performance Humana | OPP:5297